

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878



Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

VALORES CULTURAIS E RELIGIOSOS NOS RITOS FÚNEBRES DO ANTIGO ISRAEL Cultural and religious values in the funeral rites of ancient israel

Raimundo Alves Martins¹

RESUMO

O cenário histórico do antigo Israel apresenta importantes fatos socioculturais. Através de inúmeras pesquisas científicas, tornou-se possível descobrir e identificar muitos desses fatos, os quais eram peculiares à cultura e à religiosidade do povo hebreu, na época do Antigo Testamento. Este artigo se qualifica numa pesquisa bibliográfica. Ele faz uso de abordagens temáticas, utilizando-se de textos escritos por importantes referenciais teóricos, bem como, de algumas narrativas bíblicas. Objetiva a identificar e analisar alguns dos mais importantes aspectos e valores culturais que se faziam presentes nos ritos fúnebres israelitas. Norteada sob o olhar de diversos autores, a presente pesquisa procura chegar ao seu objetivo através de quatro partes. Na primeira, explora-se os fragmentos conceituais sobre o termo cultura. Na segunda, enfoca-se a importância dos valores culturais para os antigos hebreus. Na terceira, o artigo evidencia e apresenta as crenças e os hábitos culturais nos ritos fúnebres israelitas. Finalmente, na quarta parte, à luz dos referenciais teóricos pesquisados, são identificadas as lamentações de luto e seus diversos significados. Por fim, a pesquisa conclui que no conteúdo das crenças religiosas e dos hábitos culturais israelitas afluíam notáveis e relevantes significações sociais, culturais e religiosas.

Palavras-chave: Cultura. Valores culturais. Lamentações. Luto.

ABSTRACT

The historical scenario of ancient Israel presents important sociocultural facts. Through countless scientific researches, it became possible to discover and identify many of these

¹ Mestrando em Ciências da Religião PUC-GO. Especialista em Teologia Sistemática e Aconselhamento Pastoral FASSEB-GO, Graduado em História UEG-GO. Bolsista da CAPES. ORCID:0000-0001-9128-5766. Email: r.vencedor@gmail.com.

facts, which were peculiar to the culture and religiosity of the Hebrew people at the time of the Old Testament. This article qualifies for a literature search. It makes use of thematic approaches, using texts written by important theoretical references, as well as some biblical narratives. It aims to identify and analyze some of the most important aspects and cultural values that were present in Israeli funeral rites. Guided under the eyes of several authors, the present research seeks to reach its objective through four parts. In the first one, the conceptual fragments about the term culture are explored. The second focuses on the importance of cultural values for the ancient Hebrews. In the third, the article highlights and presents the beliefs and cultural habits in Israeli funeral rites. Finally, in the fourth part, in the light of the researched theoretical references, mourning lamentations and their various meanings are identified. Finally, the research concludes that notable and relevant social, cultural and religious meanings emerged in the content of religious beliefs and Israeli cultural habits.

Keywords: Culture. Cultural values. Lamentations. Mourning.

INTRODUÇÃO

O tema deste artigo versa sobre os valores culturais e religiosos no antigo Israel. O artigo tem como objetivo principal o de especificar os aspectos principais, contidos nos ritos fúnebres, e destacar a sua importância dentro do contexto cultural e religioso na vida dos antigos israelitas.

Nesta abordagem sobre alguns aspectos da vida social, cultural e religiosa dos antigos israelitas, pretende-se ilustrar elementos presentes nos ritos fúnebres contidos nos núcleos das tradições em épocas veterotestamentárias. Sendo esta uma pesquisa bibliográfica, de cunho histórico-cultural, pretende-se, assim, torná-la útil no sentido de contribuir com aqueles que apreciam conhecer informações sobre os paradigmas históricos-bíblicos. Exclusivamente aqueles que são peculiares aos tempos em que viveram os antigos hebreus.

Ao dar aqui uma ênfase aos referenciais teóricos de renomes acadêmicos — uma ênfase parcial, evidentemente, em suas determinadas áreas de formação, com isso, exterioriza-se a hipótese de que a perspectiva principal é a de poder contribuir para que haja uma melhor compreensão sobre aqueles ricos valores culturais. Isso, especificamente, no que diz respeito aos costumes que eram pertinentes aos ritos fúnebres. As referências teóricas que se seguem no decorrer deste artigo ajudam na sustentação destas afirmações. Entretanto, conforme nos previne Coleman, deve-se sempre estar cientes de que na época do Antigo Testamento “havia um grande pluralismo cultural”; pois, ainda segundo o autor, “o povo israelita foi uma sociedade aberta, [...] a cultura israelita não era estática”.² Por isso, é necessário lembrar que a presente reflexão não deve ser considerada oclusa.

1. FRAGMENTOS CONCEITUAIS SOBRE O TERMO CULTURA

Antes de abordar sobre a importância dos valores culturais e religiosos nos tempos históricos do antigo Israel, é plausível, portanto, trazer alguns conceitos do termo “cultura”. Todavia, a princípio, convém reproduzir o que escreveu Brandão, quando analisou o termo

² COLEMAN, William L. **Manual dos tempos e costumes bíblicos**. Belo Horizonte: Betânia, 1991, p. 10.

“cultura”, dentro do campo antropológico, afirmando: “a palavra ‘cultura’ e a pluralidade de ideias que ela sugere, assim como as teorias que a fundam, nunca foram consensuais na Antropologia”.³ Com efeito, apesar de concordar com tal afirmação de que não seja possível haver uma definição final e única do que possa se definir o termo “cultura”, porém, de início, é plausível admitir que no universo interpretativo científico, sempre haverá outras possibilidades conceituais. Assim, nesse percurso, o que se observa ao longo do tempo é que muitos teóricos têm apresentado inúmeras derivações especulativas com o propósito de trazer novos apontamentos e novas propostas teóricas. Paralelamente ao pensamento exposto pelo pesquisador Brandão, a percepção da pesquisadora Marconi, enfatiza que:

Desde o final do século passado os antropólogos vêm elaborando inúmeros conceitos sobre cultura. Apesar da cifra ter ultrapassado 160 definições, ainda não chegaram a um consenso sobre o significado exato do termo. Para alguns, cultura é um comportamento aprendido; para outros, não é comportamento, mas abstração do comportamento; e para um terceiro grupo, a cultura consiste em ideias. Há os que consideram como cultura apenas os objetos imateriais, enquanto outros, ao contrário, aquilo que se refere ao material. Também se encontram estudiosos que entendem por cultura tanto as coisas materiais quanto as não materiais.⁴

Na esteira desses apontamentos iniciais e sob o olhar das abordagens conceituais, recorre-se, igualmente, às onze noções de cultura, as quais foram formuladas por Kluckhohn e reproduzidas na obra de Geertz, da seguinte maneira:

(1) O modo de vida global de um povo; (2) o legado social que o indivíduo adquire do seu grupo; (3) uma forma de pensar, sentir e acreditar; (4) uma abstração do comportamento; (5) uma teoria, elaborada pelo antropólogo, sobre a forma pela qual um grupo de pessoas se comporta realmente; (6) um celeiro de aprendizagem em comum; (7) um conjunto de orientações padronizadas para os problemas recorrentes; (8) comportamento aprendido; (9) um mecanismo para a regulamentação normativa do comportamento; (10) um conjunto de técnicas para se ajustar tanto ao ambiente externo como em relação aos outros homens; (11) um precipitado da história.⁵

Em síntese, deve-se salientar que, em diferentes dimensões, a partir da segunda metade do século XX, houve, academicamente falando, um considerável desenvolvimento sobre o conceito de cultura. Desse modo, é razoável apresentar, embora fragmentadas, algumas perspectivas conceituais, elaboradas sob olhares reflexivos de teóricos do campo das ciências sociais.⁶ Entre outros motivos que há para isso, um deles é que o termo cultura possui vasta dimensão histórica e antropológica.⁷ Além disso, segundo assegura Marconi, os conceitos podem — e devem — ser levados para além do multiforme campo antropológico:

³ BRANDÃO, Carlos R. Vocação de criar: anotação sobre a cultura e as culturas populares. **Cadernos de Pesquisa**, v.39, n. 138, set./dez. 2009, p. 719.

⁴ MARCONI, Marina de A.; PRESOTTO, Zelia M. N. **Antropologia: uma introdução**. 7.ed. São Paulo: Atlas, 2010, p. 22.

⁵ GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008, p. 4.

⁶ CUCHE, Dennys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Tradução de Viviane Ribeiro. Bauru: EDUSC, 1999.

⁷ Para mais detalhes acerca da terminologia *Cultura Histórica*, ver LE GOFF (1990).

A cultura, portanto, pode ser analisada, ao mesmo tempo, sob vários enfoques: ideias (conhecimento e filosofia); crenças (religião e superstição); valores (ideologia e moral); normas (costumes e leis); atitudes (preconceito e respeito ao próximo); padrões de conduta (monogamia, tabu); abstração do comportamento (símbolos e compromisso); instituições (família e sistemas econômicos); técnicas (artes e habilidades); e artefatos (machados de pedra, telefone).⁸

Uma notável descrição conceitual de cultura é possível ser notada nas palavras elaboradas por Brandão, na qual ele afirma que “a cultura é todo o mundo que transformamos da natureza, em nós e para nós”.⁹ Entre outros autores do século XX, certamente o nome do antropólogo americano Clifford Geertz se destaca como um dos maiores pensadores no campo de ação da antropologia. Assim, com profundo domínio e conhecimento que possuía do assunto, Geertz emite a formulação de um conceito geral e plural do termo cultura, ou seja, para ele a cultura é uma “teia de significados”.¹⁰ Para mais, assumindo para si uma responsabilidade investigativa e teórica sobre o termo, Geertz apresenta ainda outro de seus pareceres, destacando: “assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado”. Noutra conceituação, agora sob uma análise semiótica, melhor dizendo, aberta para viés interpretativos, Geertz assegura que cultura é “um padrão de significados transmitido historicamente, incorporado em símbolos, um sistema de concepções herdadas expressas em formas simbólicas por meio das quais os homens comunicam [...]”.¹¹ Na perspectiva de Geertz, os padrões culturais da humanidade, de modo geral, não são estáticos e nem permanecem presos a quaisquer outros padrões sociais de uma determinada época, mas, conseqüentemente, eles estão sempre em um constante processo de transmissão de costumes, de gestos e, em geral, do modo de viver. Isto, de pessoa para pessoa e/ou de uma geração para outra.

Para Foster, a cultura pode ser descrita como “a forma comum e aprendida da vida, compartilhada pelos membros de uma sociedade, constante da totalidade dos instrumentos, técnicas, instituições, atitudes, crenças, motivações e sistemas de valores conhecidos pelo grupo”.¹² Na análise de Goodenough, “a cultura de uma sociedade consiste no que quer que seja que alguém tem de saber ou acreditar a fim de agir de uma forma aceita pelos seus membros”.¹³

A cultura (imaterial) é também fonte e guardiã de conhecimento e de informações sobre valores morais e religiosos. No entanto, esses valores são díspares. Conforme assinala Gaarder, “os valores e as normas são criados pela sociedade, variando de uma sociedade para

⁸ MARCONI, 2010, p. 24.

⁹ BRANDÃO, 2009, p. 718.

¹⁰ GEERTZ, 2008, p. 4.

¹¹ GEERTZ, 2008, p. 66

¹² *Apud* MARCONI, 2010, p. 23.

¹³ *Apud* GEERTZ, 2008, p. 8.

outra e de uma cultura para outra”.¹⁴ Assim, sob o prisma deste autor, a cultura, de modo geral, possui variadas significações. Porém, mesmo que ela sofra determinadas alterações ou adaptações ao longo do tempo, todavia, sua identidade e propriedade permanecem consistentes em seus elementos peculiares. Socialmente, os bons valores culturais pertencentes a um determinado grupo social são importantes para que os seus membros aprendam a praticar a tolerância (em sua respectiva área de atuação), vivam em igualdade racial e mantenham o respeito e o zelo pelas tradições culturais onde estão inseridos. No campo dos elementos religiosos, os valores culturais servem na contribuição para que haja continuidade das expressões religiosas e, além disso, eles ajudam na transmissão e preservação dos dogmas e das cerimônias religiosas. Cuche retrata que “cada cultura é dotada de um ‘estilo’ particular que se exprime através da língua, das crenças, dos costumes, também da arte [...]”.¹⁵ Assim, em hipótese, o estilo de crença pode significar, segundo este segmento teórico, um estilo cultural.

Contudo, as mudanças que atingem os valores sociais e culturais podem, conseqüentemente, ser impactantes, bastante significativas e, por vezes, podem afetar as sólidas delimitações antes estipuladas, forçando novas adaptações.¹⁶ Isso acontece conforme as necessidades advindas das transformações culturais, sociais, intelectuais e tecnológicas de uma determinada sociedade. Berger afirma que “o mundo do homem é imperfeitamente programado pela sua própria constituição”.¹⁷ Ele complementa afirmando que o mundo humano “é um mundo aberto”. Nesse caso, entretanto, por ser o mundo do ser humano um “mundo aberto” é necessário, indubitavelmente, que ocorram mudanças nos valores culturais. Isso ocorre em virtude de outras mudanças que surgem constantemente, como, por exemplo, mudanças nos elementos socioculturais em uma determinada comunidade. Assim sendo, não há, portanto, sociedades “desenvolvidas” ou “não desenvolvidas” que sejam ou que estejam imunes a quaisquer tipos de mudanças, ou que não ocorram nelas impactantes e profundas alterações em seu modo de vida. Neste sentido, o cientista Mello reconhece que as mudanças que ocorrem nas sociedades são reais. Assim, ele enfatiza a sua teoria:

Mesmo aquelas culturas que parecem estabilizadas e inertes, também elas, estão em permanente movimento, vibram, palpitam, tem vida. Nelas pode-se ver toda uma população que nasce, cresce e morre. Em cada membro e em todos os membros estão presentes os valores culturais.¹⁸

Conforme os fragmentos conceituais vistos até aqui, conclui-se que as definições de cultura são virtualmente infinitas, pois invocam razões, dimensões e preferências pluridisciplinares. Além do mais, é possível notar que a cultura é um processo contínuo na vida

¹⁴ GAARDER, Jostein; HELLERN, Victor; NOTAKE, Henry. **O livro das religiões**. Tradução Isa Mara Lando; revisão técnica e apêndice Antônio Flavio Pierucci. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 267.

¹⁵ CUCHE, 1999, p. 45.

¹⁶ GAARDER, 2000, p. 142.

¹⁷ BERGER, Peter L. **O dossel sagrado**: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulinas, 1985, p. 18.

¹⁸ MELLO, Luiz Gonzaga de. **Antropologia cultural**: iniciação, teorias e temas. Petrópolis: Vozes, 1987, p. 80.

de um povo, e para compreendê-lo, cada um que se propõe a isso usa, antes de tudo, certos vieses interpretativos com os quais melhor se identifica.

2. A IMPORTÂNCIA DOS PADRÕES E DOS VALORES CULTURAIS NO ANTIGO ISRAEL

“Toda cultura está constituída por padrões-modelos, que ordenam os sonhos e as atitudes”.¹⁹ Obviamente, conhecer as normas e os valores culturais criados e mantidos por uma sociedade contribui para o aprofundamento do conhecimento social, histórico e antropológico daquela sociedade. Ao longo de séculos, a sociedade israelita revelou a outros povos contemporâneos o seu variado, porém sólido, sistema de valores culturais e de padrões sociais. Considerando a afirmação de que certos valores determinam as ações humanas²⁰, desse modo, se aplicar isso de forma abrangente, então pode-se concluir que muitos valores culturais tiveram forte influência na vida social, familiar e religiosa dos antigos hebreus. Como consequência, esses tais valores também tiveram uma grande parcela de responsabilidade — direta ou indiretamente —, quanto ao auxílio na padronização moral e na manutenção da estabilidade e da ordem social.

Contudo, convém ressaltar que para serem sempre aceitos, sem precisar serem questionadas as suas eficiências ou, até mesmo, serem ignorados pela maioria da sociedade, os valores culturais israelitas necessitavam, portanto, estar dentro dos parâmetros norteados pelas antigas tradições religiosas hebreias. Por outro lado, uma parcela da sociedade nunca questionava a eficácia de tais valores. Nesse caso, isso até pode ser compreensível, pois conforme afirma Bello, o costume de não se fazer questionamentos sobre os valores culturais é compreensível, pois, segundo a autora, “quem nasce numa determinada cultura aceita suas regras sem levantar questões enquanto não for solicitado a fazê-lo”.²¹ Nesta continuidade, Bello ainda acrescenta que “cada religião sempre considerou a si própria como a verdadeira religião”.²²

Na concepção de Herskovits, *padrões culturais* são “os contornos adquiridos pelos elementos de uma cultura, as coincidências dos padrões individuais de conduta, manifesto pelos membros de uma sociedade, que dão ao modo de vida essa coerência, continuidade e forma diferenciada”.²³ Dito noutras palavras, o que torna coerente o modo de vida e a conduta de sociedade são, de certa forma, os seus padrões culturais. Recorrendo uma vez mais ao pensamento de Geertz, lembra-se que ele formulou um condensado conceito para definir o termo *padrões culturais*, afirmando que são “sistemas organizados de símbolos significantes”.²⁴ Ao mesmo tempo, ele ainda aponta que se o ser humano não fosse “dirigido

¹⁹ MORIN *apud* BOSI, Ecléa. **Cultura de massa e cultura popular**: leitura de operárias. 13.ed. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 64.

²⁰ GAARDER, 2000, p. 298.

²¹ ALES BELLO, Ângela. **Cultura e religiões**: uma leitura fenomenológica. Bauru: EDUSC, 1998, p. 149.

²² ALES BELLO, 1998, p. 171.

²³ *Apud* MARCONI, 2010 p. 34.

²⁴ GEERTZ, 2008, p. 33.

pelos padrões culturais”, no aspecto prático, então “o comportamento do homem seria virtualmente ingovernável, um simples caos de atos sem sentido e de explosões emocionais, e sua experiência não teria praticamente qualquer forma”.

Assim, no que se refere à antiga sociedade israelita, importa afirmar que embora muitas mudanças tenham ocorrido no estilo de vida social e cultural do povo israelita, todavia, muitos dos seus valores culturais e religiosos não perderam suas peculiaridades e características próprias. Um motivo para isso é porque os hebreus eram convencidos da originalidade de sua cultura.²⁵ Todo grupamento das crenças, costumes, tradições religiosas e pactos sociais, entre outros existentes naquela época, identificavam e caracterizavam peculiarmente aquela sociedade perante seus contemporâneos. Desde os tempos tribais, os israelitas tinham conseguido estabelecer entre si os seus vínculos sociais e, após isso, passaram a ter uma identidade cultural própria.²⁶ Nessa mesma proposição, Fohrer participa que “como qualquer outra sociedade humana e parcialmente em comum com outras, os antigos israelitas tinham certas concepções, práticas e atitudes que conservaram a sua vitalidade nos tempos subsequentes [...]”.²⁷

Todavia, historicamente, não é difícil admitir que, com o passar dos séculos, muitos aspectos identitários e padronizadores dos valores culturais do antigo Israel sofreram intervenções, diretas ou indiretas, provenientes de outras nações do antigo Oriente Próximo. Igualmente parecido com o que ocorreu nos dias do Novo Testamento, especificamente no período helenístico, nos quais a cultura israelita sofreu alterações e influências em muitos de seus tradicionais hábitos sociais-religiosos. Zabatiero cita que “o helenismo, por sua vez, introduziu uma nova ‘cultura’, em sentido amplo, incluindo novos hábitos [...], novas festas nacionais e religiosas, nova língua [...] e novas formas de religião”.²⁸ Ou seja, de maneira concreta, a cultura israelita se via diante de uma abrangente difusão. Segundo afirma Franz Boas, a difusão dos valores culturais acontece entre determinados povos porque entre eles “não há nenhum povo que esteja imune às influências estrangeiras”.²⁹

À vista disso, é importante destacar que, comprovadamente, de modo geral, é na vida interna nas camadas da sociedade moderna que se encontra “uma maior ausência de valores culturais”.³⁰ De fato, realidades vividas no processo de desenvolvimento humano comprovam que muitos princípios e ideais que outrora eram fundamentais para os grupos sociais primários e secundários, na atualidade, porém, se tornaram frágeis e irrelevantes. Nessa mesma linha de pensamento pode-se incluir que muitos dos aspectos culturais, característicos de algumas crenças passadas, bem como um considerado número de tradições sociais e religiosas, se tornaram insignificantes e desacreditadas. Mesmo aqueles aspectos culturais que atualmente ainda recebem algumas considerações estão, no entanto, num irreversível

²⁵ STRAUSS, Claude Levi. **Mito e significado**. Lisboa: Edições 70, 1987, p. 23.

²⁶ CUCHE, 1999, p. 180.

²⁷ FOHRER, Georg. **História da religião de Israel**. São Paulo: Paulinas, 1982, p. 30.

²⁸ ZABATIERO, Júlio P. T. **Uma história cultural de Israel**. São Paulo: Paulus, 2021, p. 239.

²⁹ BOAS, Franz. **A mente do ser humano primitivo**. Petrópolis: Vozes, 2010, p. 12.

³⁰ BOAS, 2010. p. 3.

processo de alterações ou de completa extinção. Uma outra parte das crenças e das tradições, no entanto, sofrem adaptações aos costumes sociais, culturais e religiosos da sociedade atual. Isso sinaliza para a concordância com a ideia de Mello, na qual ele alega que “toda cultura poderá ser considerada entre dois extremos [...]: um estado de estabilidade e outro de mudança”.³¹

Com efeito, é preciso salientar que no decorrer dos tempos hodiernos, a cada dia que passa torna-se perceptível que muitos dos princípios, dos hábitos culturais e dos valores morais, criados por diferentes gerações do passado³², estão sendo ignorados ou estão sendo transgredidos. Na vida interna de alguns extratos da população moderna, por exemplo, já é possível se constatar, com certa naturalidade, uma ausência de muitos e importantes valores culturais e a desintegração dos padrões sociais antigos.³³ Apesar disso, Berger escreveu que “o homem produz valores e verifica que se sente culpado quando os transgride”.³⁴ Paralelamente a esta mesma compreensão, Terrin afirma que a razão de estar ocorrendo muitas e crescentes mudanças se deve ao fato de que a humanidade se encontra “diante de uma verdadeira civilização global”.³⁵ Diante disso, neste mesmo percurso, o referido autor acrescenta que em relação às origens culturais particulares, muitos povos “passam a levar menos a sério”.

É fato que as possibilidades imediatamente acima citadas atingiram também os padrões e os valores culturais dos antigos israelitas. Afinal, devido a sua localização geográfica Israel não tinha como ficar imune às relações interculturais e inter-religiosas com outros diferentes povos. Neste contexto, o pesquisador Valmor da Silva, ao investigar os elementos culturais e religiosos do antigo Israel, explica que “Israel, naturalmente, não era uma ilha cultural. Ao contrário, como corredor das nações, foi um caldeirão no qual vários elementos se fundiram”.³⁶

3. CRENÇAS E HÁBITOS CULTURAIS NOS RITOS FÚNEBRES ISRAELITAS

A compreensão de uma cultura estrangeira só pode ser alcançada pela análise, e somos compelidos a apreender seus vários aspectos *sucessivamente* (Franz Boas).

Ao longo de muitos séculos, as crenças e os hábitos culturais israelitas estiveram impregnados na consciência coletiva e, assim, se mantiveram como aspectos fundantes e sustentadores de coesão e de unidade social — de acordo com Cuche, “é a consciência coletiva que realiza a unidade e a coesão de uma sociedade”.³⁷ Durante um longo período histórico, muitos e diversificados hábitos contidos na religiosidade do povo hebreu se tornaram,

³¹ MELLO, 1987, p. 80.

³² ALES BELLO, 1998, p. 151.

³³ BOAS, 2010, p. 11.

³⁴ BERGER *apud* MARTINS FILHO, José R. F. **Música e identidade no catolicismo popular**. São Paulo: Terceira Via, 2020, p. 76.

³⁵ TERRIN, Aldo N. **Antropologia e horizonte do sagrado: cultura e religiões**. São Paulo: Paulus, 2004, p. 6.

³⁶ SILVA, Valmor da. **O caminho da justiça na sabedoria dos Provérbios**. São Paulo: Paulus, 2018, p. 33.

³⁷ CUCHE, 1996, p. 57.

conscientemente, como uma herança cultural, sendo repassada por muitas gerações através das tradições.³⁸ Com isso, os hábitos, os quais eram repletos de importantes informações e conceitos sociais, com o passar dos anos foram gradualmente sendo padronizados. Geertz afirma que os padrões culturais são importantes para uma sociedade, pois, segundo ele, “os padrões culturais-religiosos [...], são ‘programas’: eles fornecem um gabarito ou diagrama para a organização dos processos sociais e psicológicos”.³⁹

Desse modo, muitos dos padrões culturais-religiosos da sociedade israelita eram demonstrados no exercício dos rituais fúnebres. Assim, por ter sido um povo que na maior parte do tempo cronológico foi, conforme afirma a tradição religiosa, regido religiosa e socialmente por leis e estatutos determinados por *lahweh*⁴⁰Então, não é concebível não admitir que as crenças daquele povo deixariam de ser regidas e influenciadas pela lei mosaica. De maneira geral, o acervo das crenças e dos valores mais importantes da vida social dos hebreus eram bem peculiares e, portanto, se distinguiam de outros povos contemporâneos.⁴¹ Isso é compreensível pelo fato de se admitir que independentemente da nacionalidade que seja, as diversas manifestações religiosas, bem como os valores culturais, possuem uma ampla variedade de diferentes elementos de um lugar para outro.⁴² Tais elementos culturais, porém, são formados por subgrupos culturais identitários de um determinado povo.

O sistema de crenças que era oriundo de sua fervorosa religiosidade, influenciava nos hábitos sociais e culturais. Assim, a boa espiritualidade coletiva, a convivência social e o progresso ou o fracasso da sociedade israelita nos tempos do Antigo Testamento, eram determinados pelo nível e pela qualidade de sua religiosidade. Um exemplo disso é notado quando se pesquisa os textos bíblicos que narram as normas e regras exclusivas para a pessoa que fazia voto de Nazireu (*nāzir*) — Israelita, homem ou mulher, que fazia voto de dedicação ao serviço de Deus por algum tempo ou por toda a vida.⁴³ Na lei específica para a pessoa que fazia voto de nazireu (Nm 6) havia uma norma proibitiva e irrevogável, que determinava que a pessoa Nazireu era obrigada a se manter longe do corpo de qualquer pessoa que havia falecido;⁴⁴ ele também não podia tocar “nem mesmo o cadáver de pessoa da própria família”.⁴⁵ As referências feitas por Harris ilustram a seriedade do assunto:

Quem devia ter cautela muito grande para não se contaminar encostando em um cadáver ou mesmo entrando num quarto onde jazia um morto (Nm 6.6) era o nazireu. Se alguém de repente caísse morto ao seu lado e

³⁸ KONINGS, Johan. **A Bíblia, sua origem e sua leitura**: introdução ao estudo da Bíblia. 8.ed. Petrópolis: Vozes, 2021, p. 184.

³⁹ GEERTZ, 2008, p. 123.

⁴⁰ HOFF, Paul. **O Pentateuco**. São Paulo: Vida, 2020.

⁴¹ BRIGHT, John. **A história de Israel**. São Paulo: Paulinas, 1985, p. 584.

⁴² GEERTZ, 2008, p. 26.

⁴³ KASCHEL, Werner; ZIMMER, Rudi. **Dicionário da Bíblia de Almeida**. 2.ed. Barueri: SBB, 2005, p. 17.

⁴⁴ ELLISEN, Stanley. **Conheça melhor o Antigo Testamento**. São Paulo: Vida, 2007, p. 62.

⁴⁵ HOFF, 2020, p. 228.

encostasse nele, o nazireu ficava impuro e tinha de se purificar e reiniciar a contagem dos dias de seu voto de nazireu (Nm 6.9-12).⁴⁶

Por ser um povo que costumeiramente tinha um nível elevado de envolvimento com o sobrenatural⁴⁷, os israelitas, de modo geral, possuíam uma simetria em relação aos ritos fúnebres⁴⁸, pois, segundo afirma Howard, “o modo como o povo de Israel tratava o corpo após a morte era uma expressão de sua fé”.⁴⁹ Além disso, eles possuíam muita consideração pela memória (legado) de cada um dos seus mortos. Os elementos litúrgicos das crenças religiosas a respeito do *nascer* e do *morrer* estabeleciam, em termos teóricos e práticos, as normas e as práticas durante os acontecimentos alusivos aos rituais funerários. Logo, o rito fúnebre se incorporava como elemento gestual dentro dos hábitos culturais. Martins Filho propõe da seguinte maneira uma definição de rito e ritos:

Rito, portanto, não diz respeito apenas à prática da religião, mas à vida diária, ao modo de se preparar uma celebração social [...]; por ritos entendemos um dos elementos basilares na composição de uma sociedade, atuando no ciclo de manutenção desta. No rito toda a sociedade é colocada em ênfase.⁵⁰

As crenças religiosas e os hábitos culturais na sociedade israelita eram significativos durante toda a existência humana. Em princípio, quanto ao dom da existência da vida humana, os israelitas acreditavam que a vida de uma pessoa era dada por lahweh: “é lahweh quem faz morrer e viver [...]” (1Sm 2.6)⁵¹; “[...] insuflou em suas narinas um hálito de vida e o homem se tornou um ser vivente” (Gn 2.7). Dessa forma, eles tinham em mente a convicção que lahweh já havia determinado para cada ser vivente o “tempo de nascer, e tempo de morrer” (Ec 3.3). Knibb comenta que “é básica no Antigo Testamento a crença que lahweh tem poder sobre a vida e a morte [...]”.⁵² Knibb descreve ainda algumas convicções básicas dos israelitas em relação à vida humana, afirmando, por exemplo, que a vida é “o dom de Deus [...]; que Deus faz, dá e comanda a vida; [...], que Ele é a fonte da vida; e que lahweh preserva a vida”.

Sob uma lógica dedutiva, via regra geral, deve-se admitir que não há qualquer ser humano que possa dizer, com uma real convicção, saber a totalidade de anos que durará a sua existência nesta vida. Vida e tempo jamais deveriam estar em extremos opostos. Para Wolff, “o tempo do ser humano é limitado. É sua oportunidade para a vida entre o nascimento e a morte, pois é certo que foi criado como um mortal”.⁵³ Naturalmente o tempo de vida se finda com a morte. Neste sentido, a visão conceitual de Martins Filho é a de que “a morte é o

⁴⁶ HARRIS, R. Laird; et al. **Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1998, p. 573.

⁴⁷ COLEMAN, 1991, p. 281.

⁴⁸ Para uma se ter uma análise mais aprofundada sobre Ritos Fúnebres, ver: José Severino CROATTO, 2001.

⁴⁹ HOWARD, Donald. **Enterro ou cremação isso importa?** São Paulo: PES, 2007, p. 14.

⁵⁰ MARTINS FILHO, 2020, p. 60-61.

⁵¹ As referências bíblicas aqui citadas são extraídas da Bíblia de Jerusalém (2002).

⁵² KNIBB *apud* CLEMENTS, R. E. **O mundo do Antigo Testamento: perspectivas sociológicas, antropológicas e políticas**. São Paulo: Paulus, 1995, p. 376-377.

⁵³ WOLFF, Hans W. **Antropologia do Antigo Testamento**. Tradução de Antônio Steffen. São Paulo: Hagnos, 2014, p. 155.

limite da vida e a vida é o limite da morte”.⁵⁴ Em contraste com a perspectiva de se poder conseguir um prolongamento natural ou clínico para a próprio tempo de vida, as antigas crenças hebreias faziam o povo lembrar que cada pessoa deveria encarar uma irrevogável certeza: o momento da morte de cada um já havia sido prescrito por lahweh⁵⁵, e por conseguinte, o corpo humano voltaria a se tornar “pó da terra”. Por exemplo, segundo a narrativa de Gênesis 3,19, lahweh, hierofanicamente, revelou a Adão que o ser humano, após a sua morte, o seu o corpo voltaria a ser apenas algo como o pó da terra: “[...] Pois tu és pó e ao pó tornarás”.

Neste sentido, muitos dos vaticínios vindos da parte de lahweh a respeito do final da existência humana deixavam cientes os israelitas de que, para todos eles, independentemente da circunstância envolvida ou do tempo em que ocorreria o fato, todavia, seria inevitável que todos eles haveriam de um dia passarem pela morte física (natural) — a morte é “o momento da separação, da ruptura”.⁵⁶ Dentre tantos exemplos bíblicos, assim aconteceu, por exemplo, com o sacerdote Aarão (Nm 20.26), com o líder Moisés (Nm 27.13), com os reis Acazias e Josias (2Rs 1.4; 22.20) e com o profeta Ananias (Jr 28.16).

Os ritos fúnebres no antigo Israel aconteciam em uma atmosfera de profundo respeito e significado. Segundo Rivière, entre os cinco pontos distintos quanto à concepção de rito, um deles estabelece os “ritos como meios simbólicos ordenados e objetivos previamente estabelecidos”.⁵⁷ Desse modo, nessa linha de raciocínio, pode-se aqui pontuar alguns hábitos culturais que se faziam presentes nos ritos fúnebres do antigo Israel, segundo descreveu o pesquisador Coleman: (a) o corpo era lavado e preparado para o sepultamento; (b) os mortos deveriam ser enterrados em menor espaço de tempo; (c) não havia o hábito do embalsamamento; (d) o corpo era envolvido em panos, além de ser perfumado; (e) o tipo de féretro, da caixa ossuária e dos panos de linho dependiam da condição financeira dos familiares; (f) não se usava a cremação de corpos.⁵⁸

Ainda neste mesmo contexto, outros referenciais teóricos citam alguns outros hábitos ritualísticos, alusivos a ritos fúnebres israelitas. Por exemplo: “os guerreiros eram enterrados com suas armas”⁵⁹; “o selo do falecido era às vezes colocado na tumba juntamente, com diversas armas, joias e outros objetos”⁶⁰; “objetos fúnebres acompanhavam o morto”.⁶¹

Apesar de haver um sincretismo religioso entre as populações de diversas localidades, e de muitas mudanças ocorridas nos aspectos sociais e culturais israelitas ao longo dos séculos, todavia, no que se refere aos seus ritos fúnebres originários, a maior parte dos costumes fúnebres continuaram sendo preservados e praticados pela maioria das famílias de origem judia. Isso ocorreu não só entre os israelitas que viveram na época do Antigo Testamento, mas

⁵⁴ MARTINS FILHO, 2020, p. 10.

⁵⁵ KNIBB *apud* CLEMENTES, 1995.

⁵⁶ TERRIN, 2004, p. 385.

⁵⁷ RIVIÈRE *apud* MARTINS FILHO, 2020, p. 63.

⁵⁸ COLEMAN, 1991.

⁵⁹ DE VAUX, Roland. **Instituições de Israel no Antigo Testamento**. São Paulo: Teológica, 2003, p. 80.

⁶⁰ MAZAR, Amihai. **Arqueologia na terra da Bíblia**. São Paulo: Paulinas, 2003, p. 499.

⁶¹ LASOR, William. **Introdução ao Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1999, p. 709.

também ocorreu em tempos históricos recentes. Um exemplo disso era o que ocorria nos ritos fúnebres praticados por famílias de origem judia, aqui no Brasil, durante o período colonial. Ao escrever sobre o tema, Riolando Azzi traz o seguinte relato: “Por morte de algum parente, como sinal de amargura e luto, os judeus comiam em mesas baixas [...]. Os defuntos eram banhados e amortalhados com camisas compridas e deveriam ser enterrados em terra viva e em covas fundas”.⁶²

4. LAMENTAÇÕES DE LUTO NA CULTURA DO ANTIGO ISRAEL

A perda pessoal por morte é a crise humana universal que atinge cada um mais cedo ou mais tarde⁶³ — essa é uma realidade intangível, “uma verdade que não pode mudar”.⁶⁴ As perdas pessoais causadas por morte em família geram experiências dolorosas e difíceis de serem lidadas e superadas. Comumente, o falecimento de um ente querido ocasiona diversas e penosas reações sentimentais as quais são exteriorizadas sob vários tipos de expressões, reações e lamentações.

Seguramente, o momento da perda de um familiar por motivo de morte é o ápice emocional negativo, desestruturador, conflitante e mais desgastante que um ser humano terá que enfrentar. Segundo alguns textos bíblicos, não existe uma maneira pelo ciclo normal e natural de vida que possa fazer com que uma determinada família não venha a passar por esse terrível momento. Ou seja, o momento em que um de seus membros se vá desta vida terrena para sempre (Ec 12.5). Tal afirmativa se torna incontestável e irregressível, pois, conforme afirma Girard, “não existe vida, no plano da comunidade, que não fale da morte”.⁶⁵ Mesmo que a morte nunca seja bem-vinda, porém, em um momento quando menos a família espera — ou, às vezes, até já esteja esperando — então ela acaba chegando (Sl 89.48). A morte é o caminho de todo o mundo, assim, nessa certeza, até os “maiores” e os “melhores” seres humanos também morrem um dia. E até que se prove o contrário, a morte é uma “terra sem volta”.⁶⁶ Quando a morte chega, emocionalmente ela sempre traz lágrimas, gemidos e sussurros. Ela nunca pede licença ao chegar, não apresenta um convite, não é educada com ninguém, não é alegre (Sl 18.4). Pela lógica normal da vida a morte nunca foi desejada, pois a morte é aterrorizante (Sl 55.4). Os seus laços estão sempre abertos, seus caminhos são sempre largos e convidativos (Pv 14.12) e suas sombras são pavorosas e tenebrosas (Jó 24.17).

Luto, de modo geral, conforme define o Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, é o “sentimento de pesar pela morte de alguém”.⁶⁷ Sem um grande rigor conceitual, conforme afirma Isoppo, “tradicionalmente, grosso modo, definir-se-ia o luto como um conjunto de

⁶² AZZI, Riolando. **Formação histórica do catolicismo popular brasileiro**. São Paulo: Paulinas, 1978, p. 59.

⁶³ CLINEBELL, Howard J. **Aconselhamento pastoral: modelo centrado em libertação e crescimento**. São Leopoldo: Sinodal, 1987, p. 211.

⁶⁴ TERRIN, 2004, p. 5.

⁶⁵ GIRARD, René. **A violência e o sagrado**. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1990, p. 320.

⁶⁶ WOLFF, 173, p. 2008.

⁶⁷ FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 4.ed. Curitiba: Positivo, 2009, p. 1236.

práticas e sentimentos posteriores a uma perda significativa”.⁶⁸ No entanto, dentro do contexto histórico-social dos antigos israelitas, a palavra luto — traduzida da palavra *ebel* “que significa luto”⁶⁹ — possuía muitos outros significados. Um deles, inclusive, se assemelha à definição feita por Aurélio, conforme acima citado; pois, segundo os autores do Dicionário Bíblico Wycliffe, por exemplo, o luto é uma “expressão de mágoa ocasionada por calamidade ou perda trágica como a morte de um parente ou amigo”.⁷⁰

No tocante ao tempo em que dura esse sentimento de pesar (de mágoa) que perpassa por um crítico estado emocional e que impacta um determinado indivíduo, uma família e/ou uma comunidade, Gennep traz uma contribuição muito importante e esclarecedora:

Durante o luto os vivos e o morto constituem uma sociedade especial, situada entre o mundo dos vivos, de um lado, e o mundo dos mortos, de outro, da qual os vivos saem mais ou menos rapidamente conforme fossem mais estreitamente aparentados ao morto. Por isso, as estipulações do luto dependem do grau de parentesco e são sistematizadas de acordo com o modo especial como cada povo determina este parentesco (paterno, materno, de grupo etc.).⁷¹

Muitas das práticas fúnebres que estão descritas nos textos históricos do Antigo Testamento aconteceram em épocas e lugares diferentes, bem como, ocorreram de diversas maneiras. As narrativas são importantes fontes de informações historiográficas para entendermos os acontecimentos e, por conseguinte, conhecer as maneiras em que era vivenciado, individualmente ou coletivamente, os ritos de luto. Desta maneira, é possível compreender que, com o passar dos anos, as práticas fúnebres passaram a fazer parte do grupo dos principais aspectos culturais e sociais existentes nas tradições religiosas da sociedade israelita. No antigo Israel, com o passar dos anos o luto passou a ser vivenciado de maneira que, tradicionalmente, muitos ritos se tornaram habituais. Bukland fornece um bom resumo desses hábitos:

Entre os métodos especiais de qualquer pessoa exprimir a sua dor, havia os seguintes: rasgar os vestidos (Gn 37.29,34); vestir-se de saco (Gn 37.34); lançar cinza, pó ou terra sobre a cabeça (Js 7.6; Jó 2.8); usar vestidos de luto (2Sm 14.2); despojar-se dos seus atavios (Êx 33.4,6; 2Sm 19.24); arrancar o cabelo da cabeça ou a barba (Ed 9.3); jejuar (1Sm 31.13); prostrar-se sobre a terra (2Sm 12.16); e o emprego de contratados pranteadores, que eram mulheres e instrumentalistas (2Cr 35.25).⁷²

Nesse mesmo cenário de informações, outros pesquisadores contribuem na ampliação da lista acima citada. Por exemplo, Tognini afirma que “as vestes de luto denotavam tristeza

⁶⁸ ISOPPO, Rodrigo S. **Ensaios sobre o morrer**: como escrever sobre algo que não se fala? Dissertação (Mestrado em Psicologia Social e Institucional) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017, p. 96.

⁶⁹ WALTON, 2018, p. 95.

⁷⁰ PFEIFFER, Charles F.; VOS, Howard F.; REA, John M. **Dicionário bíblico Wycliffe**. 2 ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2007, p. 1129.

⁷¹ GENNEP, Arnold Van. **Os ritos de passagem**. Petrópolis: Vozes, 2012, p. 144.

⁷² BUCKLAND, A. R. **Dicionário bíblico universal**. São Paulo: Vida, 1999, p. 279.

por morte e arrependimento”⁷³; Schultz cita “o canto fúnebre do funeral”⁷⁴; Coleman diz que “na antiguidade, era costume fazerem-se visitas periódicas ao túmulo [...]”⁷⁵; Josefo menciona que “cânticos fúnebres eram entoados nas homenagens aos mortos”⁷⁶; Harris informa que “o jejum acompanhava o luto pelos mortos, e em casos de grande tristeza durava sete dias”⁷⁷; Fohrer escreveu que “a lamentação expressava-se por meio de um pranto abafado (Am 5.16) e por gritos, como ‘Ai, meu irmão!’ ‘Ah! irmã!’ ou ‘Ai, Senhor!’”⁷⁸.

As lamentações fúnebres são recorrentes em muitos textos históricos da Bíblia Hebraica. Manifestações públicas ou secretas, individuais ou coletivas de queixa ou sofrimento, por meio de palavras, gemidos, gritos e choro⁷⁹, demonstrando lamúrias pela morte de alguém, estão nos relatos da vida social-religiosa dos israelitas do antigo Israel⁸⁰. Por ocasião do luto, os israelitas exteriorizavam os seus sentimentos nos mais variados tipos de lamentações. Isso ocorria até mesmo com pessoas de destacada posição social. O patriarca Jacó, por exemplo, “chorou e se enlutou pela perda de seu filho favorito”.⁸¹ Na época do rei Davi, o próprio rei, consternado pela morte de Saul e de seu filho Jônatas, estando num ápice de grande tristeza, convocou todo o Israel para lamentar pelas grandes perdas; pois, tragicamente, dois grandes valentes israelitas haviam tombados (mortos) em batalha, naquele dia.⁸² Poucos anos mais tarde, o lamento fúnebre da parte do rei se repetiu. Agora, porém, de um modo mais penoso, após ele saber que o seu terceiro filho (Absalão) havia sido assassinado: “então o rei tremeu. Subiu para a sala que está acima da porta e caiu em pranto. E dizia entre soluços: “Meu filho Absalão! Meu filho! meu filho Absalão” (2Sm 19.1).

Outros casos interessantes e exemplares das lamentações fúnebres, ocorridas no período da história do povo hebreu, estão descritas demonstrações de tristeza que eram demonstradas em lamentações coletivas — luto público.⁸³ Assim, aponta-se alguns textos de diferentes épocas: 1) na época patriarcal: “fizeram uma grande e solene lamentação” (Gn 50.10); 2) nos dias do “êxodo”: “e toda a casa de Israel chorou Aarão durante trinta dias”; “os filhos de Israel choraram Moisés nas estepes de Moab durante trinta dias” (Nm 20.29; Dt 34.8); c) no tempo da monarquia: “todo o Judá e Jerusalém o pranteou” (2Cr 35.24).

Considerando que as afirmativas acima citadas merecem confiabilidade, constata-se que as lamentações de luto, no antigo Israel, intencionavam, dentre outras coisas, preservar a memória daqueles entes queridos que em um determinado e inesperado momento iam-se

⁷³ TOGNINI, Enéas. **Geografia da terra santa e das terras bíblicas**. São Paulo: Hagnos, 2009, p. 223.

⁷⁴ SCHULTZ, Samuel J. **A história de Israel no Antigo Testamento**. São Paulo: Semeadores da Palavra, 2008, p. 255.

⁷⁵ COLEMAN, 1991, p. 291.

⁷⁶ JOSEFO, Flavio. **História dos Hebreus**. Rio de Janeiro: CPAD, 2004, p. 1244.

⁷⁷ HARRIS, 1998, p. 1272. Os “dias de lutos” (conforme Gn 27.41; 2Sm 11.27).

⁷⁸ FOHRER, 1983, p. 266.

⁷⁹ KASCHEL, 2005, p. 184

⁸⁰ “O lamento (qínâ) era também empregado para destacar qualquer tragédia, particularmente a que parecesse de difícil reversão” (LASOR, 1999, p. 578).

⁸¹ SCHULTZ, 2008, p. 29.

⁸² LASOR, 1999, p. 195.

⁸³ BUCKLAND, 1999, p. 432.

embora desta vida para sempre. Assim como foi com as gerações passadas, sendo uma lei natural também para o tempo presente, a despeito da morte, deve-se considerar uma verdade nítida: a afirmação de que a morte se caracteriza numa completa e irrevogável finitude humana. A morte traz o vazio, a perda, a ausência e, inevitavelmente, força os enlutados a buscarem adaptações emocionais e sentimentais. No luto a alegria é substituída pela melancolia: “fervem dentro de mim as entranhas sem parar, dias de aflição vêm ao meu encontro. Caminho no luto, sem consolação [...]” (Jó 30.27).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procurou-se demonstrar neste artigo que a sociedade israelita, na época do antigo Israel, tinha uma profunda consideração pelos seus valores culturais e religiosos. Apesar de tais valores terem sofrido alterações e influências externas, contudo, efetivamente, conforme as informações e afirmações de referenciais teóricos aqui citados, — como, por exemplo, Clements, De Vaux e Ellisen, dentre outros —, além de alguns textos bíblicos, por séculos as principais características originárias e identitárias daqueles valores culturais foram preservadas.

Conforme demonstrado nesta pesquisa, nas tradições milenares alusivas às crenças e aos hábitos culturais israelitas afluíam significações sociais, culturais e religiosas (2Sm 1.12), as quais eram materializadas no uso dos vários elementos ritualísticos. Portanto, neste aspecto, possui pertinência afirmar que, por inúmeras vezes, nos ritos fúnebres, especificamente, houve evidências de uma continuidade das tradições culturais que eram repassadas de uma geração para outra. Assim, é possível compreender, por exemplo, a importância e os significados das lamentações (individuais ou coletivas), que as pessoas faziam durante os rituais de morte e de luto.

Finalizando, evoca-se que as significativas contribuições culturais observadas nos fragmentos da história cultural, social e religiosa dos israelitas do Antigo Testamento constituem importantes fontes informativas para aqueles que intencionam pesquisar sobre os costumes e as tradições dos povos do Antigo Oriente Próximo.

REFERÊNCIAS

ALES BELLO, Ângela. **Cultura e religiões**: uma leitura fenomenológica. Bauru: EDUSC, 1998.

AZZI, Riolando. **Formação histórica do catolicismo popular brasileiro**. São Paulo: Paulinas, 1978.

BERGER, Peter L. **O dossel sagrado**: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulinas, 1985.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2002.

BOAS, Franz. **A mente do ser humano primitivo**. Petrópolis: Vozes, 2010.

BOSI, Ecléa. **Cultura de massa e cultura popular: leitura de operárias**. 13.ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

BRANDÃO, Carlos R. **A cultura na rua**. Campinas: Papyrus, 1989.

BRANDÃO, Carlos R. Vocação de criar: anotação sobre a cultura e as culturas populares. **Cadernos de Pesquisa**, v.39, n. 138, p.715-746, set./dez. 2009

BRIGHT, John. **A história de Israel**. São Paulo: Paulinas, 1985.

BUCKLAND, A. R. **Dicionário bíblico universal**. São Paulo: Vida, 1999.

CLEMENTS, R. E. **O mundo do Antigo Testamento: perspectivas sociológicas, antropológicas e políticas**. São Paulo: Paulus, 1995.

CLINEBELL, Howard J. **Aconselhamento pastoral: modelo centrado em liberta o e crescimento**. São Leopoldo: Sinodal, 1987.

COLEMAN, William L. **Manual dos tempos e costumes bíblicos**. Belo Horizonte: Betânia, 1991.

CUCHE, Dennys. **A no o de cultura nas ciências sociais**. Tradu o de Viviane Ribeiro. Bauru: EDUSC, 1999.

DE VAUX, Roland. **Institui es de Israel no Antigo Testamento**. São Paulo: Teológica, 2003.

PFEIFFER, Charles F.; VOS, Howard F.; REA, John M. **Dicionário bíblico Wycliffe**. 2 ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2007.

ELLISEN, Stanley. **Conheça melhor o Antigo Testamento**. São Paulo: Vida, 2007.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 4.ed. Curitiba: Positivo, 2009.

FOHRER, Georg. **História da religião de Israel**. São Paulo: Paulinas, 1982.

GAARDER, Jostein; HELLERN, Victor; NOTAKE, Henry. **O livro das religiões**. Tradu o Isa Mara Lando; revisão técnica e apêndice Ant nio Flavio Pierucci. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

GEERTZ, Clifford. **A interpreta o das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GENNEP, Arnold Van. **Os ritos de passagem**. Petrópolis: Vozes, 2012.

GIRARD, Ren . **A violência e o sagrado**. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1990.

HARRIS, R. Laird; et al. **Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1998.

HOFF, Paul. **O Pentateuco**. São Paulo: Vida, 2020.

HOWARD, Donald. **Enterro ou cremação isso importa?** São Paulo: PES, 2007.

ISOPPO, Rodrigo S. **Ensaio sobre o morrer**: como escrever sobre algo que não se fala? Dissertação (Mestrado em Psicologia Social e Institucional) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

JOSEFO, Flavio. **História dos Hebreus**. Rio de Janeiro: CPAD, 2004.

KASCHEL, Werner; ZIMMER, Rudi. **Dicionário da Bíblia de Almeida**. 2.ed. Barueri: SBB, 2005.

KONINGS, Johan. **A Bíblia, sua origem e sua leitura**: introdução ao estudo da Bíblia. 8.ed. Petrópolis: Vozes, 2021.

LASOR, William. **Introdução ao Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1999.

MARCONI, Marina de A.; PRESOTTO, Zelia M. N. **Antropologia**: uma introdução. 7.ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MARTINS FILHO, José R. F. **Música e identidade no catolicismo popular**. São Paulo: Terceira Via, 2020.

MAZAR, Amihai. **Arqueologia na terra da Bíblia**. São Paulo: Paulinas, 2003.

MELLO, Luiz Gonzaga de. **Antropologia cultural**: iniciação, teorias e temas. Petrópolis: Vozes, 1987.

SCHULTZ, Samuel J. **A história de Israel no Antigo Testamento**. São Paulo: Semeadores da Palavra, 2008.

SILVA, Valmor da. **O caminho da justiça na sabedoria dos Provérbios**. São Paulo: Paulus, 2018.

STRAUSS, Claude Levi. **Mito e significado**. Lisboa: Edições 70, 1987.

TERRIN, Aldo N. **Antropologia e horizonte do sagrado**: cultura e religiões. São Paulo: Paulus, 2004.

TOGNINI, Enéas. **Geografia da terra santa e das terras bíblicas**. São Paulo: Hagnos, 2009.

WOLFF, Hans W. **Antropologia do Antigo Testamento**. Tradução de Antônio Steffen. São Paulo: Hagnos, 2014.

ZABATIERO, Júlio P. T. **Uma história cultural de Israel**. São Paulo: Paulus, 2021.